

ANAIS DO I COLÓQUIO DO LAHES

Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005

Estruturas Temporais e Seus Modos de Incorporação nos Processos Sociais – O Caso de Belo Horizonte

Cristiano Pereira Alencar Arrais
Doutorando em História – UFMG/Bolsista CAPES

Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar os modos de incorporação da experiência da duração nas sociedades. Interferindo diretamente em nosso senso de orientação no mundo, os regimes de historicidade criados e a que estão submetidos os indivíduos, contribuem diretamente para a solução do problema da identidade coletiva e pessoal.

Para realizar tal discussão, procuro inseri-la no contexto sócio-político da construção de Belo Horizonte. Construída para ser o símbolo de uma era marcada pela onda de modernização que atingia o Brasil ao final do século XIX, a construção de Belo Horizonte e a transferência da capital de Ouro Preto para esse novo espaço urbano está diretamente associado àquele universo ideológico (Paiva, 1997; Veiga, 1994; Magalhães, 1989). Belo Horizonte viria consagrar a obra da modernidade a que se referia o projeto político republicano, rompendo com o Império e, ao mesmo tempo, preservando a ordem e a unidade nacional.

Procuro concentrar-me no exame da construção do mundo social e do regime de historicidade presentes na obra ensaística do periodista, literato e padre Francisco Martins Dias, *Traços históricos e descriptivos de Bello Horizonte*, publicado em 1897. Tal obra procura reconstituir, via narrativa memorialista, o ambiente social no qual estava inserida a população de Curral d'El Rei e as principais transformações ocorridas no povoado com o processo de construção da nova capital mineira. Defendo a tese de que sua narrativa modela e é ao mesmo tempo um reflexo da relação que o mundo social do período constituía com o sentido do tempo. Isso porque, por um lado, sua ação – perceptível através de seus escritos – auxiliou na instrumentalização da percepção coletiva da comunidade sobre o novo tempo em que estavam vivendo. Essa sensação de novidade foi criada pela pelo distanciamento entre memória e expectativa. E por outro, reconstituiu o regime de historicidade típico da modernidade, de modo a interpretar a construção de Belo Horizonte

como uma necessidade histórica, através de uma aproximação entre passado, presente e futuro.

O texto de padre Dias não apresenta qualquer qualidade específica no tocante a reflexão sobre a questão do tempo, como de resto, é comum à esmagadora maioria das fontes que nos foram deixadas. É preciso fazer, entretanto, duas observações importantes a esse respeito. Primeiro que não existem, necessariamente, fontes privilegiadas que tratem exclusivamente dos problemas relacionados ao senso temporal. Mesmo assim é necessário considerar que qualquer acontecimento histórico deve encerrar qualidades temporais tanto em sua realização como em sua recepção (permanência, tensão do decurso, aceleração do acontecimento). Acresce-se a isso, que o *antes* o e *depois* de um evento constituem o horizonte de sentido de qualquer narração. Como demonstram as contribuições da tese narrativista de Paul Ricoeur (1994), não existe tempo que não é narrado. Neste caso, a narrativa torna-se a condição de possibilidade de existência de um tempo que possa ser não somente sentido, mas também interpretado como constituinte da identidade individual e coletiva¹.

Símbolo de uma das maiores instituições sociais criadas pelos homens, a noção de tempo do mundo moderno, condiciona nossos hábitos sociais a ponto de, em muitas ocasiões, ser naturalizado. Se à religião judaico-cristã pode ser creditada a vulgarização de uma concepção linear do decurso temporal, é apenas a partir do Renascimento que o tempo será compreendido como um quadro de referência uniforme e homogêneo, através da analogia à física. Sua naturalização, entretanto, só encontrou uma perfeita síntese no paradigma newtoniano, através de sua idéia de um “tempo absoluto, verdadeiro e matemático” que “flui sempre igual por si mesmo e por sua natureza, sem relação com qualquer coisa externa” (Newton, 1983). Princípio este que seria incorporado pelas mais variadas filosofias provenientes da tradição iluminista.

O resultado desse processo foi uma tendência típica da modernidade em fetichizar o tempo, seja na forma de vícios de linguagem (o tempo “corre”, “voa”, ou “não passa”) ou como formas concretas (calendários, relógios etc.). Compreendendo-o, no limite, como um componente da natureza humana e, ao mesmo tempo, fator constituinte de nosso universo. A percepção do tempo, porém, não constitui uma aquisição natural do indivíduo, mas uma instituição social que age no sentido de disciplinar a sensibilidade do indivíduo em relação à

¹ Para Paul Ricoeur a identidade pessoal não está circunscrita à enunciação de um nome, mas implica a narração da vida, no momento em que procuramos responder à pergunta “quem é você?”. Ela é produzida na confluência entre mesmidade e ipseidade. A mesmidade consiste numa permanência estrutural, apesar das mudanças introduzidas pelo decurso de uma vida. Quanto à ipseidade, está associada ao aspecto subjetivo da permanência no tempo. Corresponde ao caráter das disposições estáveis em que se reconhece uma pessoa, a dimensão ética que o indivíduo dá às suas ações. A relação entre tais categorias é manifestada na identidade individual e coletiva, estabelecendo uma conexão entre acontecimentos díspares (síntese do heterogêneo) através de uma narrativa. Cf.: Ricoeur (1991), Dartigues (1998).

duração e que contribui decisivamente para formar nossos hábitos sociais (Elias, 1998). Nos diversos estágios de desenvolvimento das sociedades é possível encontrar formas diversas de lida (interpretação e mensuração) dos homens com a duração, seja da mais elementar à mais sofisticada. O que é indicativo não somente de um processo de racionalização, mas também da estrutura social e da visão de mundo predominante.

Sob tal ponto de vista o conceito de tempo histórico passa a estar atrelado a unidades políticas e sociais de ação que podem apresentar concepções temporais diferentes (convergentes, superpostos ou conflitantes), mas que são operados concomitantemente. Não é novidade que a idade de um indivíduo altera sua percepção temporal. À medida que ficamos mais velhos nosso sentido de duração parece registrar que o tempo passa cada vez mais rápido. Mesmo no decurso de um estreito espaço de tempo nossa percepção consegue produzir efeitos de “aceleração” ou “retardamento” do tempo. Não só aos indivíduos, mas às sociedades ocorre o mesmo fenômeno. Segundo Koselleck (1998) a modernidade foi um momento de aceleração da temporalização da história que criou uma distância cada vez maior entre o passado e o presente (progresso).

A Revolução Francesa, talvez seja o exemplo clássico desse sentido de aceleração do tempo, visto a “rapidez” dos acontecimentos e das mudanças, ou a grandeza daquele contexto caso comparado com a mesma duração de outras épocas. Este é apenas um exemplo de mutação do sentido da experiência da duração nas sociedades. Como tentarei demonstrar, a construção de Belo Horizonte compartilha dessa estrutura temporal através do estabelecimento de uma dicotomia entre memória e futuridade (senso de aceleração de um tempo pré-compreendido como determinado e experimentado como necessidade) que ora aproxima, ora distancia aqueles dois horizontes de sentido.

O tempo dicotomizado entre memória e futuridade

Publicado pela primeira vez em 1897, na recém inaugurada nova capital do estado de Minas Gerais, a obra do padre Dias é um dos poucos documentos chegados a nós que possibilita reconstituir os traços fundamentais do ambiente social e político do antigo povoado de Curral d’El Rey. Neste texto, padre Dias tenta reconstituir as origens de Belo Horizonte, “dando ao público uma idéia do que foi o pequeno logar, em que hoje se constroe a nova capital deste Estado”.

Revela-se ao longo do texto do padre Dias uma tentativa de produzir sentido à coletividade através do estabelecimento de uma dicotomia entre dois momentos distintos de sua narração. O primeiro deles organizado por uma memória de grupo diretamente influenciada pelos costumes e tradições relevantes à comunidade existente antes do início da construção da nova capital. Por um tipo de sociabilidade que optava pela preservação de

um estilo de vida tradicional. Por outro lado, é possível identificar também um momento em que são privilegiadas as transformações ocorridas com a construção de Belo Horizonte e os principais acontecimentos que giraram em torno de sua inauguração. Aqui o autor opta por dar ênfase a objetos que traduzam a idéia de racionalidade, rapidez, eficiência e impessoalidade, características típicas de um ambiente marcado pela dinâmica de uma modernidade em processo de incorporação. A dicotomia – e não necessariamente o conflito – entre estes dois momentos poderá nos auxiliar a desvendar, por um lado, o ambiente sócio-político que dominava o período, traduzida nos conceitos utilizados para delimitar a relação entre passado e presente, e por outro, a visão de mundo que elaborou um regime de historicidade capaz de sustentar a idéia de continuidade na mudança.

Em sua totalidade, *Traços históricos e descriptivos de Belo Horizonte*, composto de trinta pequenos capítulos, tenta primar pelo que considera os princípios de sustentação de uma obra de cunho historiográfico: a imparcialidade e neutralidade no trato do passado. Por isso, logo no primeiro momento de seu texto, faz um esboço do método, ao dirigir-se diretamente ao leitor e expor as dificuldades de uma obra da envergadura a que propõe. Nestes termos, identifica o problema fundamental de sua pesquisa, o acesso à fontes confiáveis:

Bem conhecemos as faltas e imperfeições de nosso trabalho, e as nuvens, que, por vezes, ensombream suas páginas; mas nem outra cousa é de se esperar de quem, pela vez primeira, se abalança no árduo e ingrato ônus de compor e publicar um trabalho, a cujo auxílio faltaram algumas informações positivas, que a nossa história mineira não pôde fornecer-nos por deficiente que no ponto é. (Dias, 1997; II).

A princípio, duas questões me parecem relevantes. Por um lado, a identificação do trabalho do historiador com as questões de ordem metódica, de fontes. O que pode ser observado, entre outras coisas, pela utilização de um termo comum ao historicismo de sua época “informações positivas”. Por outro lado, a atenção ao caráter retórico de seu texto, tanto na forma de exposição, como na articulação de sua estratégia narrativa, com a aproximação do contexto da narração de seu diálogo direto com o leitor. Característica essa que, segundo lhe parece, não confere influência alguma na construção de sua obra.

É possível observar uma fusão de tendências: por um lado a compreensão predominante no século XIX, da história como mestra da vida, possuidora de uma capacidade instrutiva e pedagógica. A comparação da produção de uma obra de arte (pintura e escultura) com seu trabalho historiográfico é indicadora dessa aproximação do modelo historicista com a atividade pré-moderna da retórica². Os trinta pequenos capítulos

² “Não é intento nosso mimosear nossos bons leitores com uma peça litteraria (...) no qual brilhem phrases de fino gosto, e resplandecam matizes de avelludado campo soridente em flor, em tardes de primavera, não. Si o pincel só dá vida às telas quando em mãos de hábeis pintores, que sabem combinar das tintas as vivas cores com o clássico sombreado (...) também a pena só adorna ao pensamento com os atavios suaves da arte

que compõem aquele texto (à exceção do preâmbulo e da conclusão) tratam de uma grande variedade de temas que pretendem convergir para a construção da nova capital mineira. Os dezenove primeiros capítulos tem a função de preservar a memória da antiga comunidade que habitava a região antes da transferência da capital. Apenas a partir do capítulo vinte coloca-se diretamente a questão da construção de Belo Horizonte. Serão aí mais dez capítulos em que demonstra o interesse da população de Curral d'El Rey no problema, nas transformações que foram ocorrendo com o processo de construção de Belo Horizonte, na mudança de chefia das obras na inauguração da nova cidade. Por fim, no último capítulo, a título de conclusão, padre Dias tenta reconstituir uma visão de conjunto daquele momento, baseado em seu presente e em suas projeções acerca do futuro da cidade. O que nos chama a atenção agora, portanto, é nem tanto a descrição e análise sistemática da obra do padre Dias, mas a possibilidade de explorar seus escritos no sentido de nos aprofundarmos no mundo social do qual o cônego fazia parte, a compreensão dos vínculos com o agrupamento social a que pertence. Afinal, “muito antes que nós compreendamos a nós mesmos na reflexão, já estamos nos comprendendo de uma maneira auto-evidente na família, na sociedade, no Estado em que vivemos. (...) A auto-reflexão do indivíduo não é mais que uma centelha na corrente cerrada da vida histórica. Por isso os preconceitos de um indivíduo são, muito mais do que seus juízos, a realidade histórica do seu ser” (Gadamer, 1999: 416),

Mas o que faz o padre Dias ao colocar no papel estas impressões memorialistas do passado da nova capital mineira? Sua obra deve ser considerada como uma tentativa, através da narrativa histórica, de produzir sentido para si mesmo e para os outros dentro do fluxo temporal. Ora, prover o homem de tal quadro interpretativo nunca foi privilégio exclusivo da história científica. A memória, por exemplo, possui este mesmo *status* em alguns contextos sociais onde, mesmo em face da modernidade, comunidades ou determinados segmentos de uma sociedade conseguiram preservar padrões e formas de sociabilidade vinculadas a um ambiente não-moderno (o que não quer dizer, necessariamente que tais comunidades possam ser compreendidas em termos de oposição à modernidade, como tradicionais, anti-modernos, atrasados).

Nesse sentido a obra do padre Dias funciona como reprodutor de um quadro interpretativo agregado à memória coletiva. Além de uma tentativa de descrição dos antigos costumes e modo de vida da população residente no antigo Curral d'El Rey, o autor de *Traços histórico descriptivos de Belo Horizonte* procura também lançar os primeiros subsídios para alicerçar aquele mundo que começava a brotar no meio dos sertões através

litteraria, quando manejado por mellíflu e festejado escriptor, que no vasto campo da litteratura sabe colher as flores; harmonizar as cores e formar o rico e delicado ramalhete que agrade ao publico apreciador” (Dias, 1997: 03).

do trabalho humano dinamizado pela empresa racional. Portanto, formá-los, inseri-los no interior de um ambiente social que, apesar de estar constantemente em transformação conservava tradições e hábitos que não podiam ser esquecidos.

O primeiro tema abordado pelo autor é a tentativa de solução da origem do arraial de Curral d'El Rei, “um dos mais antigos arraiaes de Minas”.³ O que está por trás de sua análise é uma visão do mundo social sustentada por valores de uma sociedade conservadora em vias de modernização⁴. Tal visão de mundo exprime as expectativas de um grupo social específico. Neste caso, o indivíduo Francisco Martins Dias, através de seus escritos, torna-se representativo da tendência interpretativa dominante *inter pares* e, portanto, do posicionamento deste mesmo grupo em termos de ação na sociedade

Ora, é do interior de tais concepções que o padre Dias desenvolve seu raciocínio sobre as causas da decadência de Curral d'El Rei. A primeira delas é a falta de homens que, detentores de qualidades morais como patriotismo e desapego à coisa pública, funcionariam como verdadeiras válvulas do progresso e, ao contrário, o domínio de indivíduos “orgulhosos, imprudentes, caprichosos e de um mal entendido ou fingido patriotismo” que tornou aquela freguezia, um joguete de paixões partidárias, atrofiando e esterilizando as funções do seu organismo social (Dias, 1997: 16). A segunda causa da falta de desenvolvimento de Curral d'El Rei estava ligada às disputas pelo domínio político local, baseado numa estrutura familiocrática e que, em consequência, provocava a desunião da população. A concorrência de mando político produzia, nesse sentido, perda da força necessária à dinamização daquela sociedade, visto que “uma povoação, uma cidade, ou um

³ Sua argumentação baseia-se, por um lado, no fato de que desde o final do século XVI a febre de exploração de minas auríferas dominava a colônia portuguesa na América, e “a Província de Minas naquelles tempos [1573] era synonima de ouro e de riqueza. (...) E, Por esses tempos, já de volta de suas explorações no Serro do Frio aonde o levava a fama de suas esmeraldas, Fernando Dias Paes, cuja ambição não era satisfeita pelos resultados de suas aventuras, estabeleceu-se, com seu genro Manoel de Borba Gato, nas pittorescas margens do Guiaxim (na língua indiana) hoje conhecido pelo nome de Rio das Velhas” (Dias, 1997: 10). Há que se notar aqui a confusão de datas.

⁴ A relação entre conservadorismo e modernização é uma das características dos círculos sociais do Brasil ao final do século XIX. O próprio ideal republicano das últimas décadas daquele século era influenciado por tal tendência. Dominado pelo ambiente conservador do Segundo Reinado, o republicanismo sustentava seu débil crescimento aproximando-se das mais variadas correntes ideológicas do período. Apesar de possuir aproximações com o modelo norte-americano, fortemente ligado a constituição de uma sociedade igualitária que tinha na definição de público a soma dos interesses individuais, o ideal republicano no Brasil foi interpretado de forma a atender os interesses dos grandes proprietários rurais, o que consolidaria a manutenção de poder e das desigualdades sociais. Além disso, a ênfase no papel do Estado como promotor do bem comum é uma característica do ideal de todas as correntes republicanas presentes no Brasil. Seria este “leviatã benevolente” quem reforçaria a tendência a uma interpretação particular da relação com os indivíduos. Reforçando a tendência estatista brasileira através da incrementação de um corpo burocrático vinculado ao bacharelismo. Por outro lado, reforçaria ainda mais o elitismo, originado pelo regime escravista, mas não encerrado com a Abolição. E excluindo, portanto, aqueles que não tinham acesso aos mecanismos paternalistas de ascensão social, econômica e política, de exercício da cidadania. Em Minas, esse conservadorismo estava também mediado por uma cultura política que remonta ao império e às disputas eleitorais entre Liberais e Conservadores pelas cadeiras da bancada nacional e estadual. Além disso existia uma elite política intimamente unida no estado. Os conflitos de grande envergadura eram pouco prováveis dentro de um grupo que estava ligado por extensos laços familiares e de cooptação aos outros grupos sociais, através do clientelismo. (Carvalho, 1999; Holanda, 1995; Horta, 1979; Lamounier, 1997).

paiz, onde não existe a união entre seus habitantes, não pode desenvolver, como desenvolver não pode um machinismo, cujas molas não estejam harmonicamente dispostas e unidas" (Dias, 1997: 17). Em decorrência de tais disputas intra-oligárquicas, a "politicagem exaltada", isto é, a utilização de toda a sorte de violências dentro das disputas políticas locais, resolvidas "a pão ou chumbo", constituía-se outro fator de impedimento do crescimento do povoado, visto que visavam apenas aos interesses pessoais e não ao bem coletivo. Esse ardor, porém, "foi se arrefecendo com o correr dos tempos e ao passo que o povo foi conhecendo o mal que o mesmo lhe causava; com tudo não se extinguiu de todo". Nada, entretanto que conseguisse resistir à obra salutar da República, prestes a se inaugurar. O povoado Curral d'El Rei não precisou aguardar muito tempo para, mesmo antes de proclamado o novo regime os sinais de decadência fossem extirpados do seu seio social. "E foi assim que nos últimos dias da monarquia, foram aqui levantados, em plena rua, os sediciosos gritos de – Viva a Republica! – e, não há muito trocado o antigo nome de Curral d'El Rei pelo de Belo Horizonte, para apagar de vez tudo o que a throno cheirasse, ou a rei se referisse" (Dias, 1997: 18).

Há, portanto uma tentativa de aproximação entre passado e presente através da fusão destes dois horizontes por meio de um exercício de rememoração feito pelo padre Dias. Tal exercício direciona-se aos elementos arquitetônicos e laços de sociabilidade existentes no passado e que conseguiram sobreviver ao presente através de festas e das rotinas familiares. Apesar de estarem prestes a desaparecerem, padre Dias procura, ainda orientar o presente em função da lembrança de um passado tomado por um espaço social harmônico. Essa aproximação nostálgica é também uma preparação: a origem bandeirantícia, remontando ao ciclo mineratório, o rápido afastamento dos escolhos morais, políticos e ideológicos que impediam seu progresso e seu apego aos laços de solidariedade locais fornecia o fundo experiencial necessário às transformações que se avizinhavam.

Será esse entrecruzamento entre as lembranças que procurava preservar para a posteridade e a percepção das mudanças que ocorrem no presente, que completará a relação dicotômica entre memória e expectativa. Mas sob outro aspecto, identificado como o tempo do movimento e da ação.

Na narrativa do padre Dias, o entroncamento entre estes dois tempos realiza-se a partir do momento em que o clérigo expõe suas opiniões acerca dos grandes aglomerados urbanos, das grandes cidades. Por um lado, comandado pelo conservadorismo implícito no interior de sua visão de mundo religiosa, há um reforço na necessidade de coesão social dentro da comunidade de Curral d'El Rei, em face do crescimento acelerado por que passa a cidade com o processo de construção da nova capital. Por outro lado, observando a

realidade presente, de uma cidade recém-inaugurada, com um traçado moderno e ruas abertas, com a constante movimentação de máquinas e pessoas, padre Dias projeta uma visão sobre futuro de Belo Horizonte, prognosticando a dissolução das antigas relações sociais e a imposição de novos modos de vida, mais condizentes com o contexto de uma cidade moderna.

Essa futuridade – sensação de diminuição da distância temporal entre presente e futuro a partir da identificação do “agora” como um evento fundador do futuro (causada pela fusão modalidades da experiência temporal: a *irreversibilidade dos acontecimentos* e a *simultaneidade do anacronismo*) – adianta-se no texto do padre Dias ao desenvolver o tema da salubridade da região de Curral d’El Rei. Ora, em sendo seu clima ameno e saudável, seus mananciais “de um crystalino supra diaphano”, os “melhores médicos e as verdadeiras pharmacias”, não cabia a outro local o privilégio de tornar-se o nascedouro da nova metrópole de Minas. “A victoria, (e brilhante Victoria!) coube a Bello Horizonte, que, sem outras recommendações além das que lhe davam suas bellas qualidades naturaes, por se bateu-se, e de louros se cobriu” (Dias, 1997: 25).

Existia ainda uma outra recomendação que garantiu a vitória de Curral d’El Rei na disputa pela escolha do local da nova capital, talvez a maior de todas: a justeza de seu pleito em face das outras concorrentes. Aqui padre Dias estabelece uma relação de oposição entre a honestidade do novo governo do estado inaugurado pela República, inspirado pelo patriotismo e pelo interesse geral da sociedade mineira – características essas que, como observamos anteriormente, também moldavam o caráter da população de Curral d’El Rei, antes mesmo da proclamação do novo regime – e um tipo de política interesseira, que tentava corromper o processo de escolha do local da nova capital⁵.

Em sua estratégia expositiva, o padre Dias procura caracterizar o problema da escolha do local da nova capital a partir de conceitos contrários que, por si só, definiriam as duas opções políticas possíveis para a solução daquela questão. Solução que, segundo sua opinião, marcaria para sempre a origem e o devir da nova capital mineira: o patriotismo ou política mesquinha e interesseira. A analogia de tal disputa entre o mais forte, “esse terrível adversário” (Dias, 1997: 74) “que tinha por si padrinhos pela via da política e do dinheiro” e o mais fraco, o “velhinho”, que não tinha por si “nem uma nem outra cousa” direciona-se para as imagens bíblicas da relação entre o forte e o fraco, entre o bem e o mal, tais como na batalha entre Davi e o gigante Golias e das parábolas do Novo Testamento. Analogia esta que seria, nesse sentido, natural a um clérigo que está a defender uma causa: ao

⁵ “O Bello Horizonte, que não tinha nem uma e nem outra cousa [a política intersseira e o dinheiro], tendo já derrotado três dos lugares aspirantes, e achando-se enfrentado com a Várzea do Marçal, que por si tinha padrinhos pela via da política e do dinheiro, corria sério risco de ser por este último preterido e vencido. (Dias, 1997: 73)”.

representar determinado fato através de um referencial *a priori*, distante, mas estruturalmente recorrente numa mentalidade influenciada pela religião, o padre Dias está recorrendo a um mecanismo de memória que o habilita a produzir uma sensação de similitude entre contextos, ou de repetibilidade dos acontecimentos. Visão religiosa esta que é reforçada, por exemplo, pela crença do clérigo de que “Deus tem protegido a nova cidade de Minas desde os seus primeiros fundamentos” (Dias, 1997: 77)

Oito dias passou em festa a população de Curral d’El Rei. E até que se iniciassem as obras para a construção da nova capital, é na expectativa do futuro que se detém o padre Dias. À religião, na forma da igreja, cabia unificar essas formas de apreensão, fundindo-as e moldando um só horizonte de expectativa. E foi isso o que fez o padre, ao alertar o povo, em missa em louvor à sagrada família, para os benefícios e malefícios que porventura poderiam ser trazidos com a construção da nova capital. Juntamente com o progresso econômico, científico e cultural que dali por diante seria envolvido Curral d’El Rei, entrariam em cena também naquele lugar “o espírito do erro, da impiedade, da mentira, da hypocrisia e do vicio, trazidos pelos cérebros estiolados e pelos corações corruptos”. Em que pese o caráter professional dessa declaração, padre Dias tenta produzir um ambiente mais ou menos homogêneo, uma unidade de sentido que definisse o espaço de experiência com que os habitantes de Curral d’El Rei estavam a se deparar. Por isso a necessidade de união do povo daquela freguesia,

em um mesmo crer e em um mesmo sentir: *cor unum et unima* uma, em espírito de fé e de verdade, para atrair de Deus vistas benévolas sobre a nova cidade a construir-se, e impedir que nella a herva boa ou o trigo (...) fosse suffocada e vencida pela herva damninha ou o joio. (Dias, 1997: 77)

Mas além de objetivar definir um mesmo espaço de experiência para os habitantes de Curral d’El Rei nas vésperas dos inícios dos trabalhos preliminares de construção da nova capital, era interesse de padre Dias, preparar os espíritos e os corações de seu rebanho para as transformações que sabia que ocorreriam naquele lugar. Agia, nesse sentido, no intuito de garantir uma resistência mínima em relação às mudanças que dali para frente seriam impostas.

Entretanto, mesmo tentando baixar o nível de expectativa vivido naqueles dias pelo povo de Curral d’El Rei, foi impossível ao próprio padre Dias conter a ansiedade que o cercava. É o que nota-se ao vê-lo declarar que “nada de novo ocorreu neste logar, de fins de dezembro de 1893 a fins de fevereiro de 1894”. Dois meses de espera, de cogitações e de dúvidas que traduziram-se numa experiência temporal única: o “ainda não”. Proveniente da fusão de horizontes, o “ainda não” revela um modo de experiência temporal marcada pela atenção do indivíduo no futuro, no prometido mas ainda por realizar-se. É portanto uma

promessa a ser cumprida que caracteriza-se pela absorção cada vez mais rápida do presente em função da espera. O que provoca, nesse sentido, uma quase completa anulação do imediatamente anterior ao esperado, tendo em vista a sua superação e retomada apenas no momento de cumprimento da promessa. Ora, aos habitantes de Curral d'El Rei, o sol apenas voltou a movimentar-se, quando fez-se aparecer naquela localidade a comissão construtora, chefiada pelo engenheiro Aarão Reis, convidando as principais pessoas da cidade, para uma reunião no escritório central. Neste momento voltara a movimentar-se a manivela do globo celeste, Ali, segundo a narração do padre Dias, as expectativas em relação a construção da nova capital parecem, em grande parte ter sido frustradas⁶.

Isto se torna evidente com o sentido de racionalidade com que conduz seu discurso, segundo o sentido reconstruído pela memória do clérigo, mas também pela sua atitude de convocar a reunião, via ofício, demonstrando o tom de formalidade exigido pelo engenheiro, mas também pelo reconhecimento de uma hierarquia de importância dentro dos quadros sociais e políticos locais, ao expor, naquela reunião, às “principaes pessoas do logar”. A tensão estabelecida entre a comissão construtora da nova capital e os habitantes da cidade que ali estavam presentes era visível pelo total silêncio observado pelo padre Dias após a fala de Aarão Reis. Mesmo declarando, em nome dos presentes e do povo em geral não ser a população de Curral d'El Rei impecílio para a realização dos trabalhos da comissão “desde que fossem respeitados os seus direitos”, padre Dias percebera a desconfiança que reinara naquela ocasião. Desconfiança essa intensificada com a publicação do decreto nº 776 de 1894 que autorizava a comissão construtora da nova capital a proceder as desapropriações necessárias a realização de seus trabalhos.

Se por um lado, até aquele momento, o tempo acelerara-se no sentido de em um curto espaço temporal terem-se produzido tantas modificações, agora, no momento dos festejos, padre Dias torna o 07 de setembro como conclusivo de um processo de transformação social. Sua própria narrativa expressa aquela nova dinâmica. Segundo Koselleck, (1998: 123) cada palavra, nome ou conceito indica uma possibilidade lingüística que supera o fenômeno particular que descreve ou que denomina. Nesse sentido, as metáforas utilizadas, o clima de otimismo das colocações do clérigo são reveladoras do ambiente social e político da inauguração da nova capital. Sendo qualquer narrativa de natureza social e política, a linguagem em que é expressa também é portadora de uma memória que está associada a

⁶ A atitude de Aarão Reis, desde logo pretendia estabelecer uma relação de poder entre a comissão construtora da nova capital e a população de Curral d'El Rei. “Tendo sido elle nomeado chefe da comissão, incumbida da construção da nova capital, e comprehendendo a posição melindrosa e difficult delle chefe, lembrou-se de convocar ao povo para pedir-lhe não só não creassem difficultades á comissão, mas antes auxiliassem-n-a em tudo o que pudessem; (...) e que, a não ser assim, com grandes difficultades teriam todos de arcar; e que, então elle, chefe, ver-se-ia obrigado a lançar mão de meios que talvez viriam prejudicar os seus interesses” (Dias, 1997: 79).

diferentes grupos sociais. É nesse contexto que padre Dias descreve os acontecimentos daquele 07 de setembro de 1893: “Eram duas horas, menos 13 minutos, quando o gigante invento conductor do progresso e da civilização, bombaleando sobre suas pesadas rodetas, voava veloz para trazer à nova capital os seus primeiros magistrados, que vinham assistir oficialmente à sua fundação” (Dias, 1997: 98). Progresso, velocidade, civilização. A futuridade pressentida no momento da escolha de Curral d’El Rei era agora cumprida com a inauguração de Belo Horizonte.

Considerações finais: a solução da tensão entre memória e futuridade

Através do interesse de padre Dias pelo passado de Belo Horizonte, pudemos observar a tentativa de preservação de uma determinada memória que priorizasse a positividade do passado. A necessidade de preservar esta positividade está expressa em diversos aspectos, como por exemplo no estabelecimento da ancestralidade da ocupação do sítio de Curral D’El Rei, em seu vínculo com a tradição bandeirantícia e no tratamento da oralidade como mecanismo de reforço e argumento em favor daquela positividade passada. A autoridade para fundamentar o passado, conquistada pela tradição, é manifestada pela estratégia organizadora utilizada por padre Dias, o guardião da memória de grupo local. É esta tradição que, ao ser reintegrada na narrativa através da descrição dos rituais e costumes locais (regime de trabalho, festas religiosas e pagãs etc.) produz uma “noção formular de verdade” (Giddens et al., 1999), relacionando passado e presente dentro de uma mesma linha de continuidade.

Estreitamente relacionada a uma noção particular de tempo e de espaço (através de contextos de origem que unem o passado ao futuro antecipado, e espaços fundadores identificados com certa sacralidade, ressaltados nos rituais e costumes), a tradição produz um corte muito claro entre aqueles que são “de dentro” e os que são “de fora” de suas orientações existenciais. O objetivo é produzir e reproduzir um discurso autorizado sobre a identidade do grupo, proporcionando um horizonte de ação relativamente fixo. O que significa não uma tendência para a inércia, mas para processos ativos de reconstrução social, particularmente filtrados por seus guardiões, mas que preserva a idéia de hereditariedade, de um valor naturalmente permanente, essencialista sobre a vida. Por isso, ao mesmo tempo em que aparentemente possui certo conservadorismo, uma sociedade vinculada a padrões tradicionais é também incorporadora dos fenômenos sociais do presente, através, principalmente, dos possuidores do monopólio da sua interpretação.

Nesse sentido, o padre Dias tomou para si as funções de guardião de laços de solidariedade que, segundo observava, estavam fadados à dissolução. Repositório das tradições, e, além disso, revestido do caráter sacro do sacerdócio, *Traços históricos* e

Descritivos de Bello Horizonte revestira-se da autoridade testemunhal de um tempo que não mais existia e que, apesar de não poder ser restituído no presente, estava na origem do futuro do antigo arraial. Incorporara, portanto um conteúdo emocional e normativo (moral) ao seu discurso sobre o antigo povoado com a função de aproximar a experiência passada de um presente que escapa em reconhece-lo como seu: “aqui era um comadre que offerecia a seu comadre, para comprar para carro, uma boiada de *pegar p'ra sahir* (como diziam); de uma bonita novilha que elles diziam uma *tetéia*” (Dias, 1997: 29, sic.). Mais do que simples termos, tais locuções são representativas de um tipo de sociabilidade típica das pequenas comunidades.

E expressam também uma relação com o passado baseada na nostalgia dos tempos de outrora. Ao recorrer aos conceitos que identificam um tipo de sociabilidade não mais inexistente, padre Dias estabelece uma relação necessariamente saudosa com o passado. Essa superestimação da condição pretérita, entretanto, baseada na pretensa idéia de que o que é antigo é necessariamente bom relaciona-se somente a determinados nichos do passado. As relações de produção (*pegar para sahir* e *tetéia* são expressões utilizadas dentro de uma relação de troca comercial) funcionam como instrumento daquele tipo de conhecimento social acima descrito. Não é a toa que outro termo utilizado é *comadre*: trata-se, portanto, de mais do que uma relação comercial entre indivíduos, é uma relação de convivência entre cidadãos de uma mesma classe, procedência e comunidade de destino.

Mas essa nostalgia, ao mesmo tempo que produz uma dissociação entre passado e futuro também trabalha no sentido de aproxima-los através de uma estratégia narrativa que posiciona o passado como repositório, origem da positividade presente representada pela nova capital. Por isso, como nos lembra Lowenthal (1997:08) a nostalgia é “a memória com a dor excluída. A dor está no presente”, num presente de grandes mudanças que incitam as recordações dos tempos passados.

Ao mesmo tempo pudemos seguir a forma como manifestou-se a experiência da aceleração temporal na comunidade de Curral d’El Rei, com a chegada da Comissão Construtora da nova capital. Na data de inauguração de Belo Horizonte, pouco restara do antigo arraial. Algumas casas velhas, choupanas, a matriz de Santana. Estes, entretanto, são apenas resquícios de uma era que está sendo deixada para trás como é imposto ao decurso temporal:

Bello Horizonte é hoje um contraste de velharias e novidades: ao pé de um cafua de barro, coberta de capim ou zinco, eleva-se um edifício elegante e sólido (...) Mas essas cafúas, essas velhas casas e essas ruas irregulares do Curral vão desaparecendo, pouco a pouco, ao passo que, como por encanto, surgem outras novas (...) Nada é para nós mais bello, mais poético e mais recreativo do que a observação attenciosa desta sublime metamorphose material. (Dias, 1997: 99-100)

Essa exaltação das transformações por que passa o antigo arraial a cada dia, com o rápido desaparecimento de antigas formas urbanas para dar lugar a outra surge como comemoração desta “sublime metamorphose material” derivada da aceleração do tempo. A substituição do velho pelo novo, “como que por encanto”, estabelece uma distância entre passado e presente. Distensão essa que acaba por dissociar completamente passado e futuro, concebendo assim um tempo histórico não só como novidade, mas também como superação e necessidade.

Ao reforçar a idéia de que a história possuiria uma capacidade de julgamento imanente (*Historia Magistra Vitae*), própria da visão de mundo de seu tempo, padre Dias ao mesmo tempo em que anuncia a dissolução do passado “Era (digo era, porque hoje a população se baralhou com a onda do povo recém chegado para os serviços da nova capital, como uma gotta de vinho se confunde no oceano, ou se dispersou para os arrabaldes da freguezia) era um povo laborioso e trabalhador.” (Dias, 1997: 29), “dizemos *havia* e não *há*, porque [a capela consagrada a Sant’Anna] foi já demolida pela comissão constructora da nova capital” (Dias, 1997: 47), tornara-o a base residual, relíquia para o futuro. “Quem pensaria – já não direi ‘diria’ – que o velho, pobre, humilde e decadente Curral d’El Rei havia de, em tão rápido vôo, elevar-se a altura em que hoje o vemos, e ainda, de mais a mais, tendo diante de si um futuro tão risonho e brilhante!” (Dias, 1997: 107). Mas a transformação do antigo em novo, apesar de anunciar a dissolução do passado, procurou preservar sua autoridade através de uma continuidade que, apesar de não ser física, conseguira sobreviver às transformações, sob a forma de fatos lingüísticos.

Por fim, padre Dias também levantara prognósticos e profecias acerca dos anos vindouros. É aos homens do presente que o clérigo evoca, dentro do campo da profecia, a necessária realização da obra da nova capital no sítio do Curral d’El Rei. É também sob a fórmula de profecia que reflete sobre os homens e o tempo em que estava situado: “tempora mutantur ... et homines cum illis!” (Dias, 1997: 34). O tempo muda e os homens com ele: dessa forma, o presente é concebido como um conjunto de símbolos que anunciam um porvir. Este porvir, entretanto, não está localizado fora do tempo ou determina a dissolução completa do presente como é característico da profecia. Encontra-se inserida no campo do prognóstico visto que ela produz o tempo que narra, ao projeta-lo para dentro e ao mesmo tempo para a construção de um depois. Nesse sentido, o tempo aqui construído não é o do sempre igual cristão, mas absorvido pela idéia de uma novidade contínua, visto que revela ao presente o futuro, e condiciona seu horizonte de expectativa.

Antevíamos que aquele povo, que tão desalentado se retirava do centro da povoação, ia levar alguma vida às incutas cercanias do arraial (...)
E foi o que se deu, com hoje se vê.

Mal haverá dous annos que os logarres denominados Calafate e Piteiras eram uma verdadeira solidão, onde não se encontravam mais que meia dúzia de casebre disseminados aqui e acolá – e hoje aquelles logares já se ostentam com alguma animação e contam approximadamente 60 habitações (...) Cachoeira, João Cralos, Bento Pires e Cardosos estão no mesmo caso que Calafate e Piteiras, não, porem, tão habitado como estes dous últimos. (Dias, 1997: 86)

Sendo antecipação do futuro, o prognóstico carrega consigo a idéia de um continuum evolutivo que dirige-se para o progresso. Não se afasta porém do passado, visto que trabalha com a idéia de que a história é a garantia de uma continuidade que funde o passado com o futuro. Esse tipo de fusão pode ser observada na data escolhida para os festejos inaugurais da nova capital mineira, o 7 de setembro. Na escolha desse dia que tornou-se marco de fundação e sagradação de Belo Horizonte, reuniram-se duas modalidades da experiência temporal, a simultaneidade do anacronismo e a repetibilidade dos acontecimentos. Reforçada pela escolha de um frei capuchino (frei Sebastião Ciocel) para conduzir a primeira missa, “pela memória da primeira missa celebrada em brasileas terras” (Dias, 1997: 100), a intenção era fixar a idéia de fundação como origem da identidade regional, tal como um outro sete de setembro trabalhou para a construção da identidade nacional sem que significasse necessariamente ruptura, e a primeira missa celebrada no Brasil abençoara as novas terras. A descoberta e a Independência apadrinhavam o nascimento da nova capital de Minas Gerais e instituía uma temporalidade que buscava uma continuidade institucional entre passado, presente e futuro. Eram sua síntese política, marcos da evolução social que encontra na história mais do que aquilo que deveria ser superado, mas os sinais do que estaria determinado, prestes a se realizar.

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, J. M. *Pontos e bordados: escritos de história política*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- DARTIGUES, A. “Paul Ricoeur e a questão da identidade narrativa”, In.: CESAR, C. M. (org.) *Paul Ricoeur: ensaios*. São Paulo: Paulus, 1998.
- DIAS, F. M. *Traços históricos e descriptivos de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: APM, 1997.
- ELIAS, N. *Sobre o tempo*. São Paulo: Jorge Zahar editor, 1998.
- GADAMER, H – G. *Verdade e método*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- GIDDENS, A., BECK U., LASH S. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HORTA, C. R. “Famílias governamentais de Minas Gerais”, in.: *Segundo seminário de estudos mineiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1979.
- KOSELLECK, R. *Futuro passado: para uma semântica de los tiempos históricos*. Barcelona – Espanha: Ediciones Paidos, 1993.
- LAMOUNIER, B. “A formação de um pensamento político autoritário na primeira república, uma interpretação”. in.: FAUSTO, B. *História geral da civilização brasileira* vol. IX. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.
- LOWENTHAL, *The past is foreign country*. Cambridge University press, 1997.

- NEWTON, I. "Princípios matemáticos", In.: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MAGALHÃES, B. A. *Belo Horizonte, um espaço para a República*. Belo Horizonte: UFMG, 1989.
- PAIVA, E. F. "A nação/república, a cidade e o cemitério", in.: *Belo Horizonte, histórias de uma cidade centenária*, Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva, 1997.
- RICOEUR, P. *Sou eu mesmo como um outro*. São Paulo: Papirus, 1991.
- _____. *Tempo e narrativa*, São Paulo: Papirus, 1994.
- VEIGA, C. G. *Cidadania e educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX*, (Tese). Belo Horizonte: UFMG, 1994.